

## ENTREVISTA

**Márcio França.** Vice-governador de São Paulo e pré-candidato ao Governo paulista pelo PSB.

# “Isso é como xadrez. Peão é peão, rainha é rainha. Nós vamos ter o governador”

GUSTAVO T. DE MIRANDA  
DA REDAÇÃO

Enquanto aguarda que o governador Geraldo Alckmin (PSDB) se desincompatibilize para cuidar da candidatura à Presidência da República, o vice-governador Márcio França (PSB) se articula para reunir o maior número possível de aliados e ser o candidato da situação ao Governo de São Paulo — nos bastidores, comenta-se que esse cenário é cada vez mais provável. A expectativa de saída de Alckmin do cargo é para abril. Em entrevista à A Tribuna, o ex-prefeito de São Vicente (1997-2004) e atual secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia adiantou que, nos meses em que comandará o Palácio dos Bandeirantes, projetos como o Aeroporto de Guarujá e a construção da ligação seca entre Santos e Guarujá receberão atenção.

**Todo mundo fala a partir de abril. Qual a data em que o senhor assumirá o governo?**

Quando o Alckmin anunciar. O limite é 6 de abril. Primeira coisa que ele tem que ter garantia é que ele é o candidato. Ele não fará isso antes de ser homologado. Depois que isso acontecer, em março, aí a pressão vai levar para esse cenário.

**O cenário político está favorável para a sua candidatura?**

Sou suspeito. Eu acho que está favorável. Vou lutar até o final para que em São Paulo a gente tenha um só palanque. A eleição para presidente caminha para uma obviedade, lastreada nas três últimas eleições. Quando você vê o mapa do Brasil nas três últimas eleições, a tendência é ser óbvio.

**Como assim?**

Há uma divisão no Brasil. Para cima, vota de um jeito, e para baixo, de outro. Pensam que é o Lula. Não é. É o sentimento da população do Norte e do Nordeste, de que é tratada de maneira inferior à do povo do Sul e do Sudeste. Enquanto houver essa divisão, o Brasil vai continuar votando desse jeito. Só vejo três candidaturas fazendo frente: uma é a do PT; outra, a nossa; e a do Jair Bolsonaro.

**O Bolsonaro não é esse novo?**

É uma candidatura forte, tem um apelo muito grande. Mas está preso em uma circunstância. No Brasil, as eleições estão presas no passado, não no presente. O tempo de televisão é lastreado no passado. Doze partidos controlam 95% do tempo de televisão. Ele não está em nenhum deles e não tem o apoio de nenhum deles. Os partidos densos, não apoiando o Bolsonaro, ele não terá chance de se defender. O partido dele (PSL) fez um deputado federal. Ele vai ter de juntar 12 dias para ter um comercial de 30 segundos. Enquanto isso, os outros vão ter um comercial de 30. Os outros vão bater, bater, bater. Ele vai se defender a cada 12 dias, em um comercial de manhã. O tempo de TV mói o Bolsonaro.

**Com o Lula fora da eleição, não haverá polarização...**

Acho que o Lula, candidato ou não, vai continuar sendo um conceito, o lado das pessoas mais pobres, discriminadas. Ele vai estar vivo, na televisão, falando isso. Ele já está inelutável. Vai arrastar a candidatura até 17 de setembro. Aposta-

“Lula dirá: ‘Tiraram o direito de vocês do Bolsa Família, querem tirar o direito do voto’. Assim, o PT vai estar no segundo turno”

ria no Jacques Wagner. Um candidato que já foi governador da Bahia, que é o quarto maior colégio eleitoral brasileiro, veio do Rio de Janeiro, terceiro maior eleitorado. Faz divisa com Minas, em um partido que controla Minas, Bahia, Maranhão, Piauí. É uma bobagem achar que o PT não é competitivo. Estarão no segundo turno.

**E uma candidatura governista?**

Até o fim vão tentar. Neste instante, a candidatura mais óbvia não é mais a do (Henrique) Meirelles (PSD, ministro da Fazenda). É a do (Rodrigo) Maia (DEM, presidente da Câmara Federal). Tem uma engenharia em andamento. Ele é jovem, tem posição boa.

**Se a saída do Lula não ajuda o Bolsonaro, e Alckmin?**

Bolsonaro é carta completamente fora do baralho. Não existe. Ele só teria uma chance, se tivesse levado o PR (Partido da República). Passaria a ter tempo de televisão e teria chances de ir para o segundo turno. Enquanto não tiver um dos 12, não tem a carta de entrada do Big Brother. A internet é forte. Mas, em 54 eleições municipais, em 53 foi para o segundo turno quem tinha o maior tempo de televisão. O PT tem dez minutos, PMDB tem dez, o PSDB tem oito, PSB, PR, PP e PSD têm cinco minutos. Abaixo da gente, tem PDT, PRB e DEM, com três minutos e pouco. Depois, vem o resto.

**E como fica Marina (Silva, da Rede Sustentabilidade)?**

Completamente fora. Ela tem cinco deputados. Precisa de três dias para formar uma propaganda. Quando o Eduardo Campos (presidenciável do PSB, morto em 2014 num acidente aéreo em Santos) morreu, ela tinha 20 pontos, que eram dela. Uma semana depois, chegou a ter 42 no Brasil. O conceito estava certo, alguma coisa que intermediasse a polarização.

**Mas qual o problema?**

Acho que a população sempre acerta. Quando acabou a eleição, levei meu neto na praia, no Itararé. Meu neto quis uma bola, e eu comprei de uma senhora supersimples. Ela falou que votaria no Eduardo. E perguntei em quem ela votou: ‘Ah, quando ele morreu, a gente ia



“Apoiamos (Dória) por confiar nele. Creio que ele vá cumprir (o acordo) e será o melhor prefeito de São Paulo”

votar na Marina. A gente começou a ver os debates e achou ela muito fraquinha. Aí, mudamos para o Aécio (Neves, PSDB). A gente não queria o PT. Mas passou o tempo e o jeito dele falar parecia meio a passeio. Ah, votamos na Dilma (Rousseff) mesmo, a gente já sabia os defeitos dela’. A Dilma ganhou por 3 milhões de votos. O Sul, o Sudeste e o Centro-Oeste botaram o Aécio na frente. Norte e Nordeste tiraram a diferença para a Dilma. O segredo da eleição está em furar o pedacinho do outro. Cada voto tirado do rival vale por dois.

**O senhor não acha que a população culpa o PT pela crise?**

Depende do público para quem pergunta. Para quem não vota no PT, a culpa é deles. Para o petista, não. A minha visão é sempre melhor para o meu time.

**E a corrupção?**

É para todo mundo. Ninguém acha que tem alguém honesto. Isso é uma grande injustiça e um erro. Você desmoraliza o eleito e tira a chance de qualquer povo ficar forte. Nenhum povo se dá bem quando o líder não é respeitado.

**Como será seu secretariado?**

Tudo depende do acerto com o

PSDB. Se eles tiverem candidatura, aí vai ter de sair um monte de gente. Se não tiver candidato, não mudam dois terços do governo. Só sai quem vai ser candidato. Pelo menos seis secretários são candidatos, de 27.

**E o (João) Doria (prefeito de São Paulo pelo PSDB)?**

Ele teve um início de muito sucesso. Atraiu muito a atenção do Brasil inteiro. Tem uma capacidade de comunicação extraordinária. Diversas pessoas estão incentivando ele. Quem tem experiência olha por trás da cortina. Olha para quem ganha com a saída dele, um mandato de três anos. Conhecendo o perfil dele, a repercussão é boa. Mas o ato da renúncia (para, talvez, disputar o Governo Estadual) vai ser muito difícil. Nós o apoiamos (para a Prefeitura) imaginando que tudo que foi dito seria cumprido. E supondo que haveria reciprocidade. Não negociamos nada, não temos secretaria em São Paulo.

**Há poucos deputados daqui...**

Isso é como xadrez. Peão é peão, rainha é rainha. Nós vamos ter o governador. Todo o resto é importante, mas só tem um governador. Os deputados que estão aqui têm boas chances, os atuais.

“O pré-sal voltou a ter uma força importante. Estou propondo a ampliação do espaço universitário na região”

gamentos ficaram para maio deste ano, mais de R\$ 900 milhões. Com um superavito alto.

**Do aeroporto?**

É bem mais simples do que imaginava. Diria que é coisa para poucos meses. Depois de entender o processo todo, está muito fácil de desenrolar. A Prefeitura de Guarujá conseguiu a concessão para ela, contratou uma empresa para fazer todas as avaliações. A empresa fez o projeto para um baita aeroporto. A Prefeitura abriu licitação para essa concessão, depois cancelaram por problemas, abriram uma segunda, não teve participante. Qual a solução óbvia? Fazer um acordo com a Aeronáutica, alugar aquele galpão que tem do lado, fazer uma pequena adaptação na pista para pôr Boeing lá em poucos meses. As empresas têm interesse. Podemos ter uma boa notícia até antes (da ponte de Santos e Guarujá).

**Quem alugaria o galpão?**

Em resumo, é o seguinte: precisa de R\$ 10 milhões para fazer o aeroporto funcionar. Todo o aeroporto vai ser feito na área que a Aeronáutica concedeu. A Aeronáutica topa ceder o galpão se houver uma remuneração. Ali, a gente pode fazer o terminal de passageiros. (...) Essa intervenção simples é suficiente para a gente receber grandes aviões de passageiros.

**A Prefeitura aceitaria?**

Se eu der essa solução para o (Válter) Suman (prefeito, PSB), duvido que ele não aceite. Depois, faz a concessão, faz a licitação para fazer maior. Se houver sintonia de pensamento, a gente pode ajudar a antecipar alguns passos.

**Há projetos para outras áreas?**

Pedi que adiantassem a licitação da chegada do VLT na Área Continental. Vamos iniciar o projeto executivo. Pode ser terceira fase ou segunda. Se tiver recursos, pode sair junto com a de Santos.